

## Des-humanidades insustentáveis: verdades ou distorções?

(Análise crítica do documentário “*Planet of the humans*”, de J. Gibbs, M. Moore e O. Zehner<sup>1</sup>)

Luciano Gonçalves Ribeiro – Lugori<sup>2</sup>

O tema posto em debate no longa-metragem é urgente e desperta em quem o assiste um sentimento de revolta e reflexão sobre o que o homem tem feito com a planeta. Lançado em 2020, próximo às comemorações alusivas ao 50º Dia da Terra, data-símbolo que (re)acende a “consciência” (americana) ambiental, *Planeta dos Humanos* permite (re)avaliar a ideia e o sentido real/original, se é que é possível, da sustentabilidade.

Jeff Gibbs, Michael Morre e Ozzie Zehner (direção e produção juntos), embora criticados, sobretudo por se atreverem a meter o dedo no “pseudoverde” e suas novas tecnologias, apresentam verdades e deixam claro que o desleixo ecológico é global e que interesses econômicos (presente, praticamente, em tudo) se maquam/apropriam do discurso do “ecologicamente correto”, mas continuam por agravar/consolidar desigualdades sociais, além de também gerar (outros e/ou novos) impactos ambientais em seus processos produtivos.

Não há, evidentemente, uma isenção ideológica em nenhuma das etapas produção do documentário e, mais ainda, em nenhum de seus envolvidos. Está claro que Moore, principalmente ele, até mesmo pelas posições políticas que são conhecidas e estão associadas/atribuídas à sua biografia, mantém um posicionamento firme nessa história toda e esse seu lado

---

<sup>1</sup> Texto apresentado como componente avaliativo da Disciplina Teorias de Ecologia Humana, ministrada pelo professor Juracy Marques.

<sup>2</sup> Mestrando do Programa de Pós-graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental (PPGEcoH) da UNEB.

militante, certantemente, tem provocado a ira em alguns, nomeadamente, quando a sua obra é vista com as lentes já embaçadas pelo cretinismo e pela imbecilidade de alguns.

O futuro do planeta está comprometido (e Moore foi apenas mais um a deflagrar isso) e as mudanças climáticas, provocadas, basilarmente, pela combustão de combustíveis fósseis, associados, claro, a uma série de outros fatores como o do crescimento populacional, do aumento da “pegada ecológica”, além daquilo que muitos pesquisadores, cientistas e pensadores têm advertido há anos: o consumo desenfreado dessa sociedade moderna (ou pós-moderna, como classifica alguns teóricos).

Para alguns, verdades, somente verdade (embora ela nunca seja absoluta). Para outros, apenas deturpações da realidade. Entre a cruz e a espada, o fato é que o longa possibilta repensar a humanidade dos humanos por meio duma exegase de suas práticas no devir dos tempos (e pelo “pouco” que resta), do mesmo modo que abre o leque para (re)conceituações da expressão sustentabilidade, a fim de colocá-la fora do círculo, quase sempre inevitável e vicioso, da utopia.